

Na ordem do caos

Simonetta Persichetti  
Jornalista e crítica de fotografia

E é assim. De repente nos vemos emaranhados no meio de um caos urbano. Não importa a cidade, o lugar. A imagem é sempre a mesma: barulho, movimento, cheiros, confusão.

E é esse clima que o ensaio de João Lobo tenta alcançar. Imagens borradas, onde se misturam as pessoas, o comércio informal. Ao olhar as imagens de “Tessituras Urbanas”, quase conseguimos perceber o barulho, o cheiro, como se fôssemos levados a também participar do momento, como se estivéssemos ali, junto ao fotógrafo.

Um caos que se organiza pelas próprias relações das cidades, uma sobrevivência tácita que num piscar de olhos parece ter se organizado.

Para tornar mais intensa essa sensação, João Lobo propositadamente escolhe o preto e branco e leva aos extremos a possibilidade da técnica fotográfica.

Há ruído nas imagens de João Lobo, um ruído que a linguagem digital retirou da fotografia. Aqui ele retorna como parte integrante de linguagem, sua gramática própria.

Imagens que quebram regras convencionais, feitas quase que à revelia dos fotografados, como se o fotógrafo também estivesse correndo por entre os temas.

Um ensaio que nos traz antigas possibilidades visuais que andaram esquecidas. Uma estética “suja”, o olhar acima da técnica. Um discurso que se cria e se basta pela própria imagem.

Uma abstração monocromática que não permite um olhar apressado, mas requer, como toda e qualquer boa imagem, momentos de reflexão, mas acima de tudo de contemplação.

Tessituras Urbanas recoloca ordem no aparente caos urbano.

São Paulo-SP, abril de 2012